



KIDAI S DE OUTONO

| | | |
|---|---|--|
| Na grama o sereno: ô que lindos diamantes fez o sol nascente! Afrânio Peixoto (1876/1947) | Noitinha já fria... – De grilo, ouvindo cricrílos, burilo poesia. Fernando L. de A. Soares | No galho já seco orquídea sacia a sede: luar ao sereno... M. U. Moncan |
| Sol envelhecido percorre o antigo terreno buscando o café. Alba Christina | Paineira florida cedendo ao sopro do vento pistilos de neve. Fernando Vasconcelos | Na planta a libélula pousada. Ao leve ventar as cores flutuam. Manoel F. Menendez |
| Colho uma goiaba. Vou comê-la agora mesmo. Não posso! Tem bichos! Albertina C. G. dos Santos | Ah! Dia das Mães! Amor com amor se paga; mas, só com saudade. Goga, <i>Hidekazu Masuda</i> | Apesar do frio treze orquídeas no vaso. Ofertas de outono. Maria de Jesus B. de Mello |
| Pê de café os grãos vermelhos aquecem fumeante outono. Carlos R. Barbosa de Jesus | Mexerica doce. Um fruto nacional. Retirar sementes. Haroldo Rodrigues de Castro | Um perfume no ar... Sabá alcança a goiaba. E eu chego atrasada. Maria Reginato Labruciano |
| Por fora amarela, goiaba deliciosa. Por dentro bichada!... Cecy Tupinambá Ulhôa | Despem-se as paineiras, surgem lindas almofadas. Metamorfose vegetal. Hélvécio Durso | Cheiro mexerica... Sem saber porque eu lembro minha doce infância!... Mariemy Tokumu |
| Colhedores de café retornam da lida. Poeira vermelha... Darly O. Barros | Colibri esperto, com mania de grandeza. Só beija as orquídeas... Hermoclydes S. Franco | Paineira na serra... A paina, madura, ao vento... Doce enlevo, a dança!... Olíria Alvarenga |
| Jardim florido rubras cristas-de-galo. Abelhas em frenesi. Djalda Winter Santos | É madrugada. Acordo e ausculto lá fora: – Um grilo cantando! Humberto Del Maestro | O cricri do grilo excita uma jovem grila, fazer mais grilinhos. Paulo Alfredo Feitosa Böhm |
| Paineira imponente... Protegido em sua sombra busco a luz da vida. Edmar Japiassú Maia | Cafezal em flor, café da manhã na cama, beleza e conforto. João Batista Serra | Mexericas doces... Colho metade do pé; a outra é das aves. Sérgio Bernardo |
| Horizontes de ouro verde em terras roxas. Bóias frias garimpando. Eduardo Lopes Vieira | Paineira na mata envolta em manto rosado, conversa com Deus. Leonilda Hilgenberg Justus | Bêbado de sono à toa tento distinguir um grilo de outro. Sergio de Jesus Luizato |
| Cumbica. Aeroporto. Operam por instrumentos. Aviões nas rotas. Fanny L. Dupré (1911/1996) | Do pé de goiaba, pego a mais madura delas: ...pena...tá bichada! Luís Koshitiro Tokutake | Defronte da casa inda se trançam esteiras à luz do luar. Shiki, <i>Masaoka</i> (1867/1902) |

O COMPRADRE DA MORTE

Um lavrador pobre tinha tantos filhos que não sabia a quem convidar para padrinho dos recém-nascidos. Quase todos na aldeia eram compadres dele. Nascendo-lhe mais um filho, ficou atrapalhado para saber quem levasse a criança ao batismo. Estava pensando no caso quando passou por ele um homem muito alto, magro, vestido de branco, que parou e o cumprimentou amavelmente. O lavrador perguntou se ele aceitava ser o padrinho do seu filho mais moço.

– *Sabes quem sou eu?*
– *Não senhor! Mas me parece ser homem honrado e bom!*
– *Sou a Morte e aceito ser teu compadre.*
Acompanhou o lavrador à igreja, ficando seu compadre. Quando voltaram a casa, a Morte disse:
– *Escuta lá. Não tenho dinheiro nem fazenda para o meu afilhado, mas posso fazer o meu compadre tornar-se um homem rico.*
– *Como será isso, meu compadre?*
– *Preste atenção! Diga a todos que é médico e vá atender aos doentes. Quando lá chegar me verá. Se eu estiver no lado da cabeça do enfermo, dê o que quiser e ele curar-se-á, mas se eu estiver aos pés da cama, o homem está perdido.*
– *Pois é caso entendido, meu compadre.*

Começou o lavrador, que era despenhado e afoito, a dizer-se curandeiro e visitar doentes por toda a vizinhança. Quando via a Morte perto da cabeceira do doente, punha-o sadio em poucos dias. Quando via a Morte aos pés do enfermo, receitava umas águas simples, cobrava o dinheiro e se ia embora, desenganando a todos.

Ganhou fama e proveitos crescidos, ficando rico e conhecido em toda a parte.

Já muito velho, o curandeiro foi chamado por um homem muito poderoso e rico. Apesar de relutar, dizendo-se cansado e não mais podendo aceitar consultas, foi obrigado a pôr-se numa carruagem e ir. Lá chegando, logo que olhou para o quarto do rico, avistou o compadre Morte, bem sentado aos pés da cama. A família do enfermo prometia os castelos de Espanha se o chefe recobrasse a saúde. O curandeiro imaginou um plano de burlar o pacto com a Morte e ganhar mais aquela fortuna. Mandou voltar o leiteo, de maneira a ficar os pés onde estava a cabeça e esta onde estavam os pés. A Morte, assim que voltaram a cama, foi-se embora, sem dizer uma só palavra.

O curandeiro recebeu uma gorda quantia e voltou para casa satisfeito.

Anos depois, a Morte veio visitá-lo e lhe disse:
– *Meu compadre, de hoje a um ano virei buscá-lo porque deve ter chegado o dia de sua viagem...*

O curandeiro ficou espavorido com o anúncio. Para enganar a Morte mais uma vez, quando se aproximou o dia fatal, pintou os cabelos de preto, pôs umas barbas retintas, convidou uns amigos e começou a beber e a rir, como se fosse outra pessoa.

Chegou a Morte e, não o vendo, perguntou pelo seu compadre. Todos os convidados responderam que o dono da casa não estava e nem sabiam quando ele voltaria.

– *Ora, ora* – monologou a Morte, desapontada – *como não posso perder meu tempo nem a minha viagem, vou levar esse barbado bebedor...*

E levou com ela o seu compadre.

de Os Melhores Contos de Portugal, seleção e estudo: Luis da Câmara Cascudo (1898/1986).



KIGOS PARA OS TRÊS HAICAIS A SEREM ENTREGUES

até o dia 10.06.98:
Dourado, Laranja-de-umbigo, Relâmpago.
Até o dia 10.07.98:
Dia dos Namorados, Fogueira, Morango.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vamos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidaí, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como *assunto principal*, o kigo. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Entregá-las normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afirm de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os outros que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Matsuo Munefusa, Bashô (1644/1694):

“Na minha presente concepção, um bom poema é aquele em que tanto a forma do verso quanto a junção de suas partes parecem tão leves como raso rio fluindo sobre um leito arenoso. É o bom haikai, é o haikai com *karumi* (combinação de simplicidade superficial com conteúdo sutil)”.

AO SOM DA HERÓICA

John O'Brien

A hora exata é cinco e cinquenta e nove. Estou anotando com precisão porque tomei um comprimido às cinco e trinta, e desde então estou sentado aqui, esperando que faça efeito. Já que posso sentir algo começando a acontecer, estou anotando a hora. Desse modo, quando passar o efeito saberei quanto tempo viajei.

Será na verdade minha primeira vez, porque não conto um ou outro cigarro de maconha. Eles me deixam cheio de sonhos, meio cansado, solto no espaço. Se você nunca fumou erva, é mais ou menos como tomar vinho e escutar violões enquanto vê um pôr do sol do alto de uma roda gigante. Mais ou menos. Mas, assim como não há substituto para a experiência, não há substituto para a maconha. Transmitir a sensação é como tentar explicar sexo a uma virgem.

Posso sentir cheiro de incenso de morangos queimando. Velas bruxuleiam na minha estante. Música em meu cérebro, *rock* não, não esta noite. A Sinfonia Heróica, de Beethoven. Nada a não ser o melhor. Como em minha vida. O melhor pai, a melhor mãe, melhores irmãos e irmãs. Melhores amigos. Noite de outono. A melhor estação. Puro ar noturno. Não virginalmente puro, mas tudo é relativo. Livros: pensamentos puros. Música: tons puros. Amizade pura. Momentos segundos minutos são presentes. Obrigado pelos presentes. Não obrigado a você. Isso subentende um você. Só obrigado.

Estou deitado no tapete. Tecido verde. Algodão. As pessoas diriam que é um tapete barato. Engraçado. Triste, também. Também e tudo tão triste. Tapete precioso. Acima de qualquer preço. Nem todos os diamantes de Timbuktu poderiam comprar este tapete. Verde. Macio. Casa. Em casa, no meu tapete. Narinas de morango. Tapete verde e narinas de morango. Música verde de morangos. Narinas de música. Orelhas de morango. Gosto verde. Verde bonito. Parede de arco-íris. Mãos de arco-íris. Fricção: pernas vermelhas, barriga roxa, ombros laranja. Fricção de arco-íris. Fricção de arco-íris no tapete.

Descanso. *Relax*. O tempo é meu. O tempo morreu. Matei o tempo. Adeus, tempo. Alô, eu. Alô. Eu sou eu. Sou verde, laranja, roxo, vermelho e amarelo. Pés amarelos. Sou um arco-íris, um arco-íris de morango verde. Alô, Ludwig. Gostaria que estivesse aqui. Você está aqui. Sua música está aqui. Você deve estar aqui. Eu o escuto, mas não posso vê-lo. Você vive enquanto sua música vive. Eu vivo enquanto vive o arco-íris. Você precisa de mim, Ludwig. Sem ninguém para ouvi-lo, você esta morto. Eu não preciso de você. Posso ouvir algum outro. O arco-íris escuta você? Sua música vê o arco-íris?

Sei o que vou fazer. Vou embrulhar o arco-íris e o morango e a música de Ludwig no tapete verde. Então todos nós rolaremos. Desenrole o arco-íris e teremos um tapete cheio de morangos. Que tal, Ludwig? Pode usar isso para acabar sua sinfonia inacabada.

Ei, isso sou eu, uma sinfonia inacabada. Uma sinfonia não iniciada. A orquestra ainda está afinando os instrumentos. É por isso que minha vida não tem harmonia. Preciso de tempo. Mas o tempo morreu. Eu matei o tempo. Só vive a cor, o som e o chei-



IPÊS EM FOLHA

| | | |
|---|--|---|
| Quando o sol se põe, os girassóis se despedem numa reverência. Maria Reginato Labruciano | O menino quer gorjeios da liberdade presos na arapuca... Mariemy Tokumu | Um raio de rosa desperta a rosa vermelha... Dia da Poesia. Ericy Maria Marques de Faria |
| Na capa do livro os girassóis de Van Gogh florescem, sem sol... Darly O. Barros | Preso na arapuca a sabiá vê seus filhos com fome no ninho. Leda Mendes Jorge | Pôr-do-sol... Girassóis pendem a cabeça como em oração... Douglas Eden Brottto |
| Dia da Poesia: Na escrivania, alguns versos que a lua relê... Darly O. Barros | Dia da Poesia. Poeta cheio de sonhos... Versos na gaveta. Humberto Del Maestro | Curo derramado sobre campos de esmeralda... – Pês de girassol. – Maria Madalena Ferreira |
| Dia da Poesia: Um fenda de ternura no meio do asfalto. Renata Paccola | Em meio ao jardim, o imponente girassol esbanja beleza. Hélvécio Durso | Filhote em sinuca: do ninho ouve o chorinho, a mãe na arapuca... Luís Koshitiro Tokutake |
| Nem lembra o poeta que a poesia tem dia. Só vive nas nuvens. Cecy Tupinambá Ulhôa | Guarda florestal botas longas contra o mal esmagado a arapuca. José Walter Fonseca | Arapuca armada é crime premeditado contra a passadada. Santos Teodósio |
| Buraco de fôlha: numa arapuca sangrenta, natureza morta. Renata Paccola | Viro o calendário, e o Dia da Poesia continua ainda... Alba Christina | Catorze de março, uma das datas mais lindas! Dia da Poesia. João Batista Serra |
| Dia da Poesia. Releio Augusto dos Anjos. O sol banha a sala. Olga Amorim | O girassol, gira em torno de si, contente, dourado de sol. Nilton Manoel Teixeira | Dia ensolarado! O girassol deslumbrado contempla o rei sol. Leda Mendes Jorge |
| Céu e terra em ouro: plantação de girassóis olhando o poente... Luís Koshitiro Tokutake | Lindos os girassóis! Encapalando o amarelo, forte, sopra o vento... A. Marie Gerda Bornheim | Pardal saltitando, nenino amarelo arapuca. Pobre passarinho... Djalda Winter Santos |
| O pássaro chaga pra última refeição... Arapuca farta. Marcelino R. de Pontes | No pomar do avô, garoto arma uma arapuca e espera escondido. Maria Reginato Labruciano | Canário fofoso, uma arapuca sem pressa... Silêncio na mata. Humberto Del Maestro |
| Dia da Poesia: Deus cômple com a Natureza poemas do dia... Mariemy Tokumu | Manhã de domingo. Humamim o jardim criança e girassol. Larissa Lacerda Menendez | De braços abertos, chega ao alto o girassol – sorriso redondo! Renata Paccola |

ro... e gosto e tato. Que tal? Lembro todos os cinco. Passei no teste.

Agora é tudo que já foi ou será. Agora é Deus. Alô, Deus, conheça Ludwig. Ludwig, conheça Deus. Toque alguma coisa para Deus, Ludwig. Toque uma musiquinha para o Velho. Você insiste em aparecer, dizendo-nos para tentar de novo a maneira antiga, quando todos, a não ser você, sabem que você está morto.

O tempo está morto. Adeus, tempo. Deus está morto. Adeus, Deus. Ludwig está morto quando sua música pára. Adeus, Ludwig. Eu estou vivo, nasci para sorrir aos arco-íris.

Ludwig, pare com essa campanha. Está arruinando sua sinfonia. Não me lembro de uma campanha. É horrível. Está arrebatando meu cérebro. Por favor pare pare pare pa...

- Sei que o interrogatório é difícil para o senhor, mas preciso perguntar: sabe a hora em que morreu seu filho?
- Sim. Sei a hora exata.
- Como pode saber?
- Eu... eu ouvi um baque surdo. Deve ter sido o corpo batendo no chão. Quando corria para o andar de cima, meu despertador tocou.
- Para que horas estava marcado?
- A mesma de sempre – seis da manhã.

Mistério Magazine de Ellery Queen 274, Maio 1972;
Revista do Globo S/A, Porto Alegre, RS

ENCONTRO EM SAMARRA
(FÁBULA ORIENTAL)
William Somerset Maugham (1874/1965)

A morte disse:

“Havia, certa vez, em Bagdá, um negociante que mandou o servo ao mercado, a fim de comprar provisões. Pouco depois, o criado retornou, pálido e trêmulo, balbuciando, muito assustado:

– Patrão, ainda há pouco, quando eu atravessava a praça do mercado, fui abordado por uma mulher, no meio da multidão! Quando voltei para verificar de quem se tratava, vi que era a Morte! Ela me fitou com um gesto ameaçador. Por piedade, patrão, empreste-me seu cavalo para eu fugir desta cidade! Irei para Samarra, onde a Morte não me encontrará!

O negociante cedeu-lhe o cavalo e o servo montou; fincou as esporas nos flancos do animal e partiu a todo galope.

Nessa mesma tarde, o negociante dirigiu-se ao mercado e deparou consigo no meio do povo. Chegou-se a mim e disse:

– Por que motivo ameaçaste meu criado quando o viste hoje de manhã?

– Eu? Eu não o ameaçei – respondi. – Foi apenas um gesto de surpresa de minha parte. Fiquei atônita ao vê-lo aqui em Bagdá, pois tenho um encontro com ele, esta noite, em Samarra”.